



# Parceiros das Missões

Brasília - Março 2012 - Ano I - Nº I

## Coragem, intrepidez e fé dos nossos missionários



Paroquianos de Cuamba, Moçambique



Católicos vietnamitas desafiam governo

Apenas munidos pela fé, milhares de missionários brasileiros estão trabalhando nas terras amazônicas, nas florestas da África, na desconhecida Ásia e Oceania, nas Américas indígenas e na pagã Europa. Este ardor missionário é estímulo constante para todos os animadores missionários em todas as regiões do país.

### Neste Número:

- Comidis comemoram 40 anos do Comina (pág.3)
- POM e CCM formam missionários (pág.3)
- O trabalho com migrantes na Amazônia (pág.4)
- Moçambique acolhe missionários leigos (pág.5)
- Vietnam, a vida dura do missionário (pág.9)
- Camarões com mais de 240 tribos (pág.10)

### Entrevista do mês:

Os vinte anos de lutas em Guiné Bissau (pág.9)



Ir Bete, a catarinense que ama Guiné Bissau

### Prá começo de conversa

Na sua telinha, o Jornal digital **Parceiros das Missões**. Que significa ser “parceiro”? Significa ser amigo, ser companheiro; estar em constante comunicação com o outro; crescer e desenvolver-se com o outro. E o que significa “Missões”? É o compromisso de batismo de cada cristão. Temos responsabilidade com a divulgação do evangelho. Por isso, a Igreja tem esta dimensão missionária já que os destinatários do Evangelho são todos os povos. Ser parceiro das missões é associar-se, é ter co-responsabilidade, parceria com todos os cristãos envolvidos, na missão dada por Cristo: **Ide!**

No Brasil, são milhares de pessoas envolvidas, bem como são dezenas de entidades que se dedicam às Missões. Em torno de 2 mil missionários brasileiros deixaram família, congregação, amigos e trabalham em cinco continentes, levando o Evangelho. O jornal Parceiros das Missões quer ser o elo de ligação entre estas duas realidades. **Vamos ser parceiros deles!**

Bento XVI afirmou que “vivemos a cultura digital e com ela estabelecemos relações e construímos comunhão”. Vamos, pois, estabelecer relações e construir esta comunhão! O editor.

## CURTAS

**MISSÃO EM GUINÉ BISSAU**

Em breve, a Comissão Missionária Regional Sul 2 deverá enviar seus primeiros missionários para a diocese de Bafatá, em Guiné Bissau. Quem informa é a Coordenadora da Comissão, Ir. Dulce Gomes, após visitar aquele país.

**COMIRERS EM GUANHÃES**

Os seminaristas da diocese de Guanhães (MG) elegeram, em fevereiro, a nova diretoria do COMIRES (Comissão Missionária dois Serminaristas) tendo por coordenador José Geraldo da Silva, vice, André Comba e secretário, Daniel Patrício.

**MISSIONÁRIOS MÁRTIRES**

Dia 24 Março é o Dia da Jornada de oração e jejum em memória dos missionários mártires. É o Dia da asssinato de Dom Oscar Romero. É uma Jornada nascida na Italia, organizada pela Juventude Missionaria (Missio), há 20 anos. Toda Europa e América Latina lembram dos missionários mártires, principalmente na América Central, na África e Ásia.

**CONGRESSO MISSIONÁRIO**  
Continuam ois preparativos para o Congresso Missionário Nacional. A Assembléia do Comina apresentou o texto básico para aprovação final.

**Parceiro Missionário!**

Contamos com sua participação para dar testemunho de sua fé, em seu dia a dia. Parceiros das Missões divulgará em suas páginas, seu trabalho. Você merece!

Escreva enviando também fotos para:

Parceirosdasmissoes@pom.org.br

## Pontifícias Obras Missionárias (POM) a serviço da animação Missionária

As Pontifícias Obras Missionárias (POM), com sede em Brasília, são órgãos do Vaticano que compreendem quatro Pontifícias Obras: Propagação da Fé, Infância Missionária, São Pedro Apóstolo e União Missionária.

A missão principal é despertar e promover o espírito missionário universal de todos os membros do Povo de Deus. Informam sobre a vida e as necessidades da Missão universal e estimulam as Igrejas a rezarem umas pelas outras e ajudarem-se reciprocamente com o envio de pessoas e de meios materiais, suscitando, assim, o espírito de solidariedade em vista da evangelização do mundo.



Pe. Camilo



Pe. Sávio



Pe. Marcelo



Pe. André

A direção das POM está sob a responsabilidade do Pe. Camilo Pauletti. No próximo dia 5 de março estará em Porto Rico, para o Encontro dos diretores das POM da América Latina. Também nos dia 2 a 4 de março participará da Assembléia do Comina, onde o tema principal será o 3º Congresso Missionário Nacional, em julho próximo. As POM são um dos órgãos patrocinadores do evento.

A equipe de diretores conta ainda com o trabalho do Pe. Sávio, diretor da Propagação da Fé e da União Sacerdotal. Neste mês de março, Pe. Sávio está empenhado em concluir o texto base para o 3º Congresso Missionário Nacional e da Campanha Missionária 2012. Um evento importante será a IV Semana de Formação Missionária para Párocos e Vigários do Brasil, nos dias 19 a 23 de março.

Pe. Marcelo Gualberto, diretor da Juventude Missionária. Para o mês de março, Pe. Marcelo estará nos dias 17 e 18, no Simpósio Juventude e Missão em Teresina no Piauí. Nos dias 29 a 31 de março, em Ponta Grossa no Encontro da Propagação da Fé. Recentemente, o setor lançou o CD da Juventude Missionária (JM) com nove músicas inéditas, sendo uma adaptada ao estilo jovem e três traduzidas das POM do Equador.

O Pe. André Negreiros, diretor da Infância e Adolescência Missionária também está com agenda cheia em março. 2012 será em preparação ao Ano da Infância e Adolescência no Brasil, no próximo ano, em comemoração aos 170 anos da entidade em todo o mundo. Também participará de encontros de aprofundamento em Aracaju, Orleans, Alto Alegre e Umuarama.

As Pontifícias Obras Missionárias estão à disposição das dioceses e paróquias para assessorar na animação missionária em todos os níveis da evangelização.



SGAN 905 70790-050 Brasília - DF - Fone 3340.4494  
E-mail: parceirosdasmissoes@pom.org.br

Jornal Digital das Pontifícias Obras Missionárias do Brasil  
Brasília - Março 2012 - Ano I - N° 1

Diretor: Pe. Camilo Pauletti

Edição, diagramação e arte : Jorn. Camilo Simon (Reg. Prof. n. 3248)

## Encontro dos Comidis inicia celebração dos 40 anos do Comina

O primeiro encontro dos Comidis (Conselhos Missionários Diocesanos) e Comipas (Conselhos Missionários paroquiais), realizado no CCM em Brasília, nos dias de carnaval, atingiu a expectativa. Segundo informou o coordenador do Comina, Pe. Altevir da Silva, o tema

foi a animação missionária como objetivo principal, acentuando-se a partilha, a troca de experiências, porque de teoria o pessoal está cheio, mas o que foi partilhado é fruto do trabalho dos animadores missionários. Percebeu-se que iluminado pela temática, houve

uma total consonância. E a satisfação e o entusiasmo eram visíveis. Isto porque não foi algo repassado a partir de um ponto de vista de um assessor ou de outro, mas a expressão do espírito de comunhão da Igreja no Brasil. Estes participantes levam daqui à ressonância da caminhada da Igreja numa, a perspectiva de missão.

O Encontro teve a participação de 45 pessoas, entre sacerdotes, religiosas, leigos e seminaristas, vindos de todos os regionais. (foto abaixo)

Revelou Pe. Altevir que o Comina completa neste ano, seus 40 anos e “não vamos celebrar pontualmente, mas, sim ao longo de 2012, através de testemunhos de seus missionários em todas as dioceses e paróquias. Foi criado em 1972, por Paulo VI, para reunir todas as forças missionárias da Igreja no Brasil



Pe. Altevir

## CCM respira espírito missionário

Um dos pilares da animação missionária no Brasil é sem dúvida, o Centro Cultural Missionário (CCM), localizado em Brasília e sob a tutela da CNBB. Segundo Pe. Estevão Raschiatti, um italiano da congregação dos xaverianos e diretor do CCM, a entidade é um órgão de formação de Missionários e Animadores Missionários, tanto para aqueles que migram de outros países, como os daqui que partem para outras regiões do Brasil, como Amazônia e do exterior. São cursos específicos durante todo o ano que engloba missionários, padres, leigos, religiosos e religiosas. Num ambiente acolhedor e sossegado, o CCM é também um lugar de passagem e de hospedagem para bispos, sacerdotes e religiosos quer viajam a Brasília e ali sentem um ambiente contagiante, um ambiente que respira o espírito missionário que deve ser inserido em toda a atividade pastoral.

Pe. Raschiatti tem sentido o entusiasmo de missionários que vem do exterior, para primeiramente, uma aprendizagem da língua; ao mesmo tempo os vocacionados para as Missões aqui e no exterior, se reciclam e se preparam para uma vida de sacrifício nas Missões. “O Missionário por excelência deve doar-se completamente no seu trabalho e isso exige muito sacrifício. Por isso ele deve ser um consagrado para a Missão, pois sua doação é total”.

Apesar do Brasil ainda ter poucos missionários (em torno de dois mil) se

comparamos com os Estados Unidos (8 mil) ou Itália ou Espanha, assim mesmo muitos são os candidatos, principalmente de congregações religiosas. As dioceses, devido à escassez de sacerdotes têm enviado poucos missionários para as Missões. Em relação aos leigos também existem boas iniciativas: a Arquidiocese de Brasília tem projeto de envio anual de leigos missionários para Roraima. O mesmo acontece com alguns regionais da CNBB.

Concluiu o Pe. Estevão que o CCM vai continuar na sua trajetória de serviço e de animação missionária, estando aberto para todos os interessados nas Missões aqui e Ad Gentes.



Pe. Estevão

## O desafio de trabalhar com migrantes em Rondônia

Foi sábia a decisão tomada pelo italiano João Batista Scalabrini, o fundador dos scalabrinianos: **Trabalhar com os migrantes. Este é o carisma que anima padres e irmãs pelo mundo todo.**

Foi com este intuito que na década de 70 a 80, que Ji-Paraná, Rondônia, foi escolhida para sediar uma comunidade de irmãs scalabrinianas a fim de atender os migrantes que vinham do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

Hoje o cenário é diferente: Rondônia está recebendo levadas de migrantes de Minas, Bahia e Espírito atraídos pelo trabalho de construção das Hidrelétricas de Santo Antonio e Jirau. A Ir. Carolina de França, sediada em Ji-Paraná explica que a Usina de Santo Antônio tem 18 mil trabalhadores e a de Jirau outros 17 mil. “Eles vieram para cá em busca de trabalho, porém não encontraram uma infra-estrutura habitacional e social. As cidades ficaram inchadas de gente e aí começa a exploração do trabalhador, principalmente no tocante às leis trabalhistas. Com o inchaço, aumentou a violência e a prostituição e a mídia culpa esta situação com a chegada dos migrantes.

Toda esta problemática está sendo enfrentada pelas irmãs scalabrinianas, e na medida do possível, fazem a acolhida deste povo, bem como dos atuais



Ir. Carolina de França migrantes que vem principalmente do Maranhão.

Esse é o desafio da Igreja de Ji-Paraná, uma diocese com 23 paróquias e 75 religiosos, que se espalham levando a mensagem evangélica, entre os migrantes, os índios, populações ribeirinhas, escolas e paróquias.

### Vocação

Dentro deste universo dos migrantes que Ir. Carolina, uma cuiabense de cepa, optou pela vida religiosa. “Desde pequena, ia à missa com minha mãe e quando olhava para o crucifixo na igreja, dizia que queria seguir a Jesus como ele: até a Cruz”.

Meu sonho era trabalhar com os pobres. Mas não sabia como. Nunca me identifiquei com uma congregação que usasse hábito. Queria ser igual às outras mulheres e com o decorrer do tempo, Deus levou-me até as scalabrinianas. Meu pai era um migrante. Após algumas mudanças fixou-se em Cuiabá. Na Paróquia Medianeira, surgiu minha vocação para o trabalho com os migrantes,

pois a paróquia era missionária de origem, já que os padres eram oriundos da diocese gaúcha de Caxias do Sul.

Com 12 anos de vida religiosa, Ir. Carolina afirma que sua vocação para servir aos pobres e explorados reside no tripé: oração, missão e vida comunitária. Por isso sente-se realizada e feliz com o que faz. “Às vezes parece que as coisas não estão correspondendo e a gente sente alguma dúvida, mas na medida que me volto aos pobres certifico-me que este é o meu lugar”

### Terra de Missão

Rondônia sempre foi uma terra de missão. Em Ji-Paraná há muito trabalho a realizar. Um deste, é estar a serviço dos trabalhadores que se sentem explorados por advogados a fim de reivindicar seus direitos. Por isso, Ir. Carolina está cursando direito na Universidade, no sétimo semestre: “Muitas vezes me sentia leiga para discutir e reivindicar os direitos dos trabalhadores. Quando você tem a compreensão das leis, não se deixa enganar por nenhum advogado”

Atualmente, Ir. Carolina está implantando junto com outras duas religiosas, a Comissão Missionária Paroquial (COMIPA) e tem criado o primeiro núcleo do IAM. A intenção é expandir este ardor missionário junto às demais paróquias da diocese.

Parabéns!



A diocese de Araçatuba, (São Paulo) está desenvolvendo um trabalho missionário em todas as 31 paróquias, que abrange em torno de 600 mil habitantes. Se-

## Diocese de Araçatuba aumenta estrutura missionária

gundo o Pe. Edson Barbosa, (Foto ao lado) coordenador do Conselho Missionário Diocesano (COMIDI), a cada ano há uma reestruturação do trabalho e se fortalecendo.

Uma das atividades iniciada, há 25 anos, são as Santas Missões Populares. Uma equipe coordena os trabalhos, tendo também a participação de semi-

naristas e de leigos. Durante a Semana, há momentos de oração, de formação e de visita em cada casa. Revela o Pe. Edson que a diocese está começando a dar os primeiros passos na Juventude Missionária, bem como aumentar os grupos de Infância e Adolescência Missionária. Hoje somam a oito grupos.

## “Odir, odir, odir” é o começo de um novo dia em Moçambique

São sete horas da manhã em Cuamba, um distrito da Província de Niassa, em Moçambique. Na sede da casa dos missionários, um grito é ouvido todos os dias: odir, odir, odir (licença, licença, licença)

São pessoas que procuram o missionário ou missionária. A maioria são crianças. É o surgir de um novo dia, em zona de missão.

Este é o começo de uma longa jornada da missionária Raí Soares, uma maranhense nascida em Carutapera. Ela é uma das vinte pessoas que vivem em missão, 24 horas por dia e também uma das milhares de missionárias e missionários que deixaram sua terra natal, para estar ao serviço do Reino.

O que leva uma pessoa a deixar tudo, pátria, amigos, congregação e dedicar sua vida em terras longínquas? Para Raí, ser missionária como vocação é “me dedicar com todo o meu ser a serviço do Reino de Deus, em qualquer lugar que ele me chamar. É se colocar a serviço do Reino sem reserva, com uma atitude de doação sem limite e procurar ser um com todos. Para tanto, me apoio na Eucaristia e na leitura orante da Bíblia”

Bastam estas palavras para compreender a atitude de Raí, que para alguns pode ser uma atitude louca, mas com uma profunda visão da Igreja Universal.



Celebração ao ar livre

### Povo Macua

Raí participa com sua comunidade de um trabalho missionário, na Paróquia São Miguel Arcanjo, diocese de Lichinga, em Cuamba. Ali tenta compreender o perfil do povo étnico Macua. A linha de descendência é estabelecida via uterina, embora o poder de decisão é atribuído ao homem. A maioria da população é pobre vivendo em palhoças com chão de terra batida, teto de capim e as paredes de caniços ou bambus. No interior, a maioria da população não tem rádio, nem eletricidade ou água encanada, sem latrina. Já na sede do distrito de Cuamba, a situação é um pouco melhor, pois, a maioria da população tem rádio e latrinas, 40 % tem água encanada fora de casa e apenas 10 % tem energia elétrica. A maioria da população é jovem, com cerca de 45 %, majoritariamente feminina. Das 41 mil famílias no Distrito de Cuamba, 38 % tem filhos em média de três a cinco membros. Após os 12 anos de idade, os adolescentes podem casar. Em tudo predomina fortemente a religiosidade de um povo simples ávido por conhecer Deus. Neste cenário, os missionários e missionárias exercem a missão de evangelizar. Mas como evangelizar nestas precárias condições?

### Empenho da equipe

Raí revela que toda a equipe se empenha na evangelização, no anúncio do evangelho, na promoção humana, no apoio à cultura, educação e saúde. Durante o ano, são realizadas inúmeras promoções, principalmente com crianças e adolescentes, destacando-se o Dia Mundial das Missões, encontro com jovens e colônia de férias. As atividades, na maioria das vezes, são realiza-



Raí em meio ao seu povo

das ao ar livre, com muita simplicidade e gratuidade. Uma das preocupações é formar animadores e animadoras das comunidades cristãs num total de 12.

O dia a dia do missionário é repartido com infância e adolescência missionária, com a pastoral vocacional, pastoral de saúde e do dízimo. Também Raí trabalha na Escola Pe. Eugenio Menegon, onde dá aulas de Tecnologia da Informação e Comunicação, além de lidar com plantas medicinais, junto às mulheres. Para ela, a maior dificuldade é a malária que de vez em quando aparece. De modo geral, é o sofrimento do povo, com fome e doenças como a AIDS e a cólera. Mas sua maior alegria é sentir-se em casa, ser acolhida pelo povo, gostar do que faz e ser feliz. “Nossa equipe missionária é uma grande família”

Em meio às andanças do dia a dia, Raí sente saudades do Brasil, de sua comunidade, dos amigos, “mas ao mesmo tempo, a saudade se mistura, se funde, com as famílias do coração que vão se fazendo presentes, com os novos amigos e com a nova pátria e faz com que as distâncias diminuam e passamos a ser uma grande família, **sem reserva de domicílio**”-concluiu.



A comunidade paroquial

## “Somos barro nas mãos do oleiro”

É o envio da incansável  
Ir. Joana para a Costa do Marfim

Um vaso de argila e o texto de Isaias (64,8) “somos barro nas mãos do oleiro” é o lema da Ir. Joana, da Congregação Filhas de Maria Missionária, que partiu para a Costa do Marfim, África, para dedicar sua vida às Missões. Aqui resume-se toda sua doação à causa do Reino, em terras africanas e com as bênçãos de todas suas colegas de Congregação. (foto abaixo)



Depois de realizarem uma celebração dos 40 anos de vida religiosa das irmãs Joana e Benedita, em Salto Grande, São Paulo, em janeiro passado, foi testemunhado o envio de Ir. Joana para Missão Ad Gentes. Um envio em nome da Congregação, da Comunidade paroquial, da família, realizado com a participação de todos. Um exemplo marcante de missionariedade que incentiva os jovens a seguir o exemplo e todos nós a viver com mais profunda consciência missionária o nosso dia a dia nos lugares onde o Senhor nos coloca.



Os missionários Pe. João, Ir. Valéria e Pe. Renato

## “É preciso semear, estou indo semear, os frutos aparecerão”

Renúncia, sacrifício, doação são alguns ingredientes da tomada de decisão de três mineiros que deixaram o Brasil rumo a Angola. São eles os missionários sacramentinos: Pe. João Lúcio Benfica, Pe. Renato Borges e irmã Valéria, que partiram para a missão em Kavum, província de Moxico e diocese de Lwenda, assumindo uma paróquia de uma diocese com 48 mil km<sup>2</sup> de extensão.

Para os missionários, a experiência será enriquecedora. “É preciso semear, estou indo semear, os frutos aparecerão no futuro”, afirmou o padre Renato Borges. Já padre João Lúcio disse que está preparado, pois não está deixando nada. Também irmã Valéria afirmou: “Estou retornando às minhas origens e vou também contribuir no anúncio do Evangelho”.

## Três missionários leigos de Brasília em terras de Roraima



Edileuza, Edinalda e Divino

Três missionários leigos, Edileuza, Edinalda e Divino, procedentes de Brasília, aportaram em terras de Roraima, para um estágio de dois anos junto às missões de Caracaraí, uma paróquia no interior do Estado. Depois de um ano de preparação com formação missionária, retiros e partilha de experiências, os três missionários, acompanhados pela Dea,

Coordenadora do Comidi de Brasília e Zezé, missionária leiga foram recebidos pela comunidade de Caracaraí. Ali ficarão à disposição da paróquia, para a evangelização, para a catequese e formação de novos líderes comunitários.

A Arquidiocese de Brasília tem enviado, anualmente, novos missionários para a Igreja-irmã de Roraima, com o intuito de colaborar com a divulgação da boa nova a todos as comunidades.

Parabéns aos três brasilienses e que sirva de exemplo a outros jovens.



Zezé e Déa

## Ir. Bete, vinte anos de lutas em Guiné Bissau

Uma catarinense de Palhoça é a nossa primeira entrevistada do jornal “Parceiros das Missões” Ir. Elizabete Ana Rodrigues, (Bete) da Congregação das Irmãs de Maria Imaculada do PIME, iniciou sua formação missionária em Santo Amaro, São Paulo e depois foi enviada para Guiné Bissau, na África, como juniorista e ali fez seus votos perpétuos, permanecendo por vinte anos, em meio ao povo. Ali viveu numa comunidade de três irmãs. Em 2011 voltou ao Brasil, a pedido da Congregação, por um período de quatro anos, para, em 2015 regressar à sua querida Guiné, onde deseja morrer, após sua doação completa de vida. Eis seu depoimento:

### 1- Porque quis ser missionária?

Acho que foi uma provocação de Deus. Devo muito à minha avó. É coisa infantil, mas interessante. Quando a gente não queria engolir a comida que ficava no prato, ela dizia: filha se você não comer, outras crianças que poderiam comer tua comida vão ficar com fome. Então você vai comer porque tem comida e outras crianças no mundo não tem o que comer. Minha avó gostava de conversar muito com a gente, mas não era muito católica. Ela olhava para o céu azul e via a nuvem branca partidinha. Ela dizia: aquilo é o caminho que Nossa Senhora andava para levar Jesus para uma terra bem distante. Aquilo me impressionava. Porém minha vocação missionária foi despertada quando tinha 18 a 20 anos, numa ocasião em 1980, quando houve enchentes em Santa Catarina, com grandes prejuízos e isso balançou comigo e vi que o caminho era a vocação missionária.

### 2-A escolha da congregação?

Primeiro tinha escolhido trabalhar na Bahia, pois na época havia uma Igreja-irmã naquele Estado, porém escolhi o PIME, porque queria trabalhar em terras mais distantes e o PIME é um Instituto essencialmente missionário. Eu não conhecia o PIME, mas acho que foi o testemunho de um seminarista do PIME, que passou esta semente missionária.

### 3- E a decisão de ir para Guiné Bissau?

Foi Deus que escolheu. Eu não escolhi, porque nós nunca escolhemos o local. A gente é enviada onde tem a necessidade, porque quando chegou a carta eu li e disse, acho que é outra



Elizabete e não eu. Depois vi que era eu e foi uma alegria muito grande.

### 4- Bissau tem uma infraestrutura da Congregação?

Lá em Guiné temos apenas três comunidades que atendemos, na diocese de Bissau. Trabalhamos na evangelização do primeiro anúncio, formação de liderança e na pastoral social, que é a defesa da vida. Moramos numa casa que pertence à diocese, tudo o que temos pertence à diocese. Não temos colégios, hospitais somente trabalhamos com o povo. Nossa alimentação [é a mesma do povo, ora milho assado, ora manga ou arroz com peixe.

### 4- Qual foi o primeiro choque que levou em Guiné Bissau?

Foi de ver que a missão é muito maior do que a gente imagina. A gente pensa que vai para dar. O primeiro choque foi, que tive que passar do dar ao receber. Foi uma primeira aprendizagem. Chegando lá, você pode ter a teologia, a filosofia, você pode ter o diploma, mas você tem que ser criança novamente, tem que aprender o beabá do nada. É duro. Temos que largar aquela coisa pronta, todos os esquemas e a mentalidade que temos de Igreja.

### 5- Qual é o sentido religioso em Guiné Bissau?

Sempre trabalhei e vivi com a religião tradicional africana porque a maioria das pessoas vivencia isso. O número de cristãos é escasso. A gente trabalhava na manutenção e formação da fé, com os cristãos, mas o nosso maior desafio é trabalhar com a religião tradicional africana e com os muçulmanos que é a religião predominante na Guiné. Os muçulmanos acreditam num Deus único e tem Maomé como profeta, e os da religião tradicional também acreditam num Deus só, que se manifesta como Deus criador, Deus poderoso, mas esse Deus está distante. Então para eles atingirem a Deus, tem as mediações que são os espíritos que na língua onde eu trabalhava, se chama “irans”.

Dai o povo não se relaciona direto com Deus, ele precisa da mediação.

#### **6- Qual foi a maior dificuldade?**

A maior dificuldade, primeiramente é que a cultura africana ainda dá muito valor ao homem. O homem tem todos os direitos. A mulher, não. Ainda mais a mulher jovem e quando cheguei lá, ainda era “novinha”, com 29 anos. A grande dificuldade era vivenciar tudo isso. Um exemplo: chegava alguém na minha casa e dizia: olha quero saber onde está irmã mais velha. Lá a idosa tem valor. Eles diziam: você pode me emprestar a enxada Eu respondia: não posso emprestar a enxada porque já foi emprestada para outro e não está em casa. Na verdade eles procuravam a irmã mais velha para saber se realmente a enxada estava em casa. Tudo isso porque eu era nova e uma mulher nova não tem valor, porque para eles, eu era uma menina, uma criança. Então no início, para mim foi muito chocante. Outro fato: aqui no Brasil vivenciei a teologia da libertação, o método Paulo Freire, enfim o exercício da democracia. Lá tudo é diferente: Um exemplo: numa reunião de equipe de liturgia eu perguntava: quem quer fazer a leitura? Quem está disponível para ler? Esta atitude não pega bem, pois é sinal de fraqueza. Você que está coordenando simplesmente diz: você vai fazer a leitura. E pronto. Isso só entendi depois de apanhar muito. Em vinte anos de trabalho era ainda difícil quebrar as estruturas mentais que tinha. Para mim foi um choque cultural.

#### **7- E as maiores alegrias?**

As maiores alegrias foram que nunca me senti sozinha, mesmo quando eu estava muito triste. A alegria é saber que a gente encontrava alguém, que com gesto mais simples, se fazia presente. Outra alegria grande que senti é a seguinte: eu olho para traz e vejo que fiz um caminho e não sozinha, que eu faço parte de uma história de um povo. Vou dar outro exemplo: em 98 tivemos a guerra civil, mas antes da guerra, tivemos os primeiros batismos de uma etnia que trabalhávamos há vinte anos. Na época, em 1995, fiz minha profissão perpétua. Meus pais não puderam ir porque é longe e minha família sempre foi uma família pobre. Então a comunidade escolheu para mim duas pessoas para serem meu pai e minha mãe e eles sempre estiveram do meu lado. Isso porque, lá não existe um filho sem o pai, não tem ninguém sem família. Em 98, quando fizemos os primeiros batismos dessa comunidade essa senhora, a minha mãe emprestada não era nem catecúmena, mas frequentava a catequese. Ela pediu que fosse batizada com os filhos e o padre perguntou: que te leva a ser batizada se não és catecúmena? Ela apontou para mim e disse: Naquele dia, quando a Bete estava se consagrando a Deus, a Jesus Cristo, perguntei por que eu também não posso me entregar a Jesus Cristo? Ela disse que se eu, Bete não tive medo de deixar a família, porque devo ter

medo da minha família, da minha tradição? E foi batizada.

#### **8- Qual era seu trabalho?**

Eu trabalhava com agentes de catequese, mas meu maior trabalho era na área de educação. Nunca trabalhei na sala de aula, mas na conscientização das comunidades rurais; na criação de escolas de auto-gestão que é um trabalho maravilhoso; na formação de professores; na coordenação para que a comunidade aprenda ela própria se gerir; na paróquia, e nas comissões diocesanas. Foram vinte anos, de 1992 a 2011.

#### **9- Vai voltar em 2015?**

Meu futuro está bem determinado. Se não morrer até 2015, volto para Guiné e Deus me dará a graça de morrer junto ao meu povo. Há um crescimento da Igreja. Hoje são duas dioceses no país e uns vinte padres guineenses. Há muitos batismos. Na evangelização não podemos ter pressa, a gente tem que ir devagar. O desafio é fazer com que este crescimento não seja só em quantidade, mas em qualidade.



## A vida dura do missionário no Vietnam

**“Ser missionário no Vietnam é espinhoso. Além do problema da língua, há perseguição por parte do governo que dificulta nosso trabalho. Agora mesmo fomos obrigados a sair de nossa aldeia e viver em Hanoi, a Capital do país. Outro problema é o visto que tem que ser renovado a cada três meses”. Assim se expressou o missionário marista, Ir. Canísio, gaúcho de São Vendelino-RS, que trabalha no Vietnam, desde 2008.**



igreja da comunidade do interior



Ir. Canísio Willrich  
com crianças

A comunidade marista é composta de sete irmãs, dentre os quais Ir. Canísio. Ali, são feitas visitas às famílias, catequese, aulas de inglês, grupos de jovens.

Sentindo-se vocacionado para uma Missão Marista Ad Gentes, Ir. Canísio, destaca que a Ásia é o continente que os maristas de todo o mundo trabalham. Mas as dificuldades são muitas: Imersão na cultura e tradições locais, tanto da sociedade como da Igreja local; fazer história com eles, a partir deles; a comunicação é um grande desafio, tanto a língua local do país, como também em nível de comunidade marista internacional. Tensão entre o sonhar e o concretizar ações; deseja-se realizar projetos com os mais pobres, mas obter a permissão das autoridades locais pode representar uma longa espera... Com isso há também a dificuldade em obter o visto de permanência no país.

Para tanto, exige-se abnegação, flexibilidade e paciência; Confiança na Providência Divina e na certeza de que Maria nos conduz e protege nesta missão; Total imersão na missão, fortalecer o senso comunitário e aprender a esperar (acolher) coisas inesperadas ao longo do caminho. Acreditar, ter esperança e alargar a visão da presença e missão Marista na Ásia, mesmo ven-



Visita às famílias

do que há portas que se fecham, é possível ver que há outras que se abrem.

Para o Ir. Canísio, estar em missão no Vietnam significa fazer parte da história dos vietnamitas fortalecendo o espírito de esperança e solidariedade.

O futuro da missão depositamos nas mãos de Maria, pois Ela nos conduz por caminhos desconhecidos. Cabe a nós ser persistentes, fazer o esforço de implementar alguns projetos sociais. Entretanto, a presença de futuros Irmãos Maristas e leigos vietnamitas será determinante para concretizar o Carisma Marista de acordo com as necessidades locais. Por isso buscamos acompanhar os vocacionados e leigos vietnamitas. Apesar das limitações e da presença discreta, estamos buscando caminhos de diálogo e cooperação com a Igreja, autoridades e ONGs locais para trabalharmos em parceria, dando -nos as mãos, em meio a diversidade social, política e religiosa.

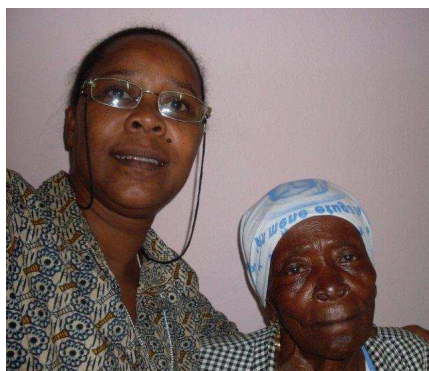
## Terremoto do Haiti muda planos de Ir. Suzy. Destino: Camarões



Grupo de irmãs da comunidade

O Plano de Deus para a Ir. Suzy Jacintho de Assis, Missionária do Imaculado Coração de Maria, carioca de Nova Iguaçu, já estava traçado: trabalharia para o Reino de Deus no Haiti. E assim foram longos 12 anos na formação de religiosas haitianas e junto ao povo sofrido. Com o terremoto em janeiro de 2010, mudaram os planos da Ir. Suzy: foi convocada para a formação de jovens postulantes em Camarões, uma república do centro da África, banhada pelo Oceano Atlântico. Junto com duas postulantes haitianas uniu-se a uma comunidade de religiosas de diversos países como Índia, Congo, e Tchad, um total de 12 irmãs, na vila Mvolye, a 27 km da Capital Yaundé. Este foi o traçado divino.

A missão destas religiosas em Camarões não é fácil. A comunidade está em meio ao povo sofrido e simples, numa zona rural úmida onde imperam os insetos que causam distúrbios à saúde da população. A doença que mais afeta e mata é a malária, com vários tipos de sintomas, tornando-se difícil seu combate. “Mas fomos bem recebidas aqui pelo povo simples, que ainda cultiva fortemente as tradições familiares e cultuam os momentos mais importantes da vida que é o nascimento, a adolescência, o casamento, a doença e a morte”-revela Ir. Suzy. Comentou também que o povo planta cacau e



Ir. Suzy e sua amiga, uma viúva

legumes. Porém a comida é muito variada, “pois comem de tudo, inclusive comidas exóticas como gafanhoto, serpentes, que é um prato de honra para convidados especiais e até morcego. Todo é bom para a saúde”

### Dificuldades

Em meio a este povo pobre, a maior dificuldade apontada pela Ir. Suzy é a comunicação. “Aqui no Camarões há mais de 243 tribos, cada uma falando uma língua diferente. Para nós estrangeiros, que falamos a língua dos colonizadores, ou seja o inglês e o francês, torna-se difícil, pois ainda não podemos contatar com as pessoas mais simples que não falam as línguas européias. Porém a alegria é ser acolhida mesmo quando não podemos nos comunicar como gostaríamos. Esta é uma marca forte do povo daqui: acolhimento e alegria”

Mas o que levou Ir. Suzy a deixar o Haiti e, embrenhar-se nas regiões florestais do Camarões? Ir. Suzy tem clareza sobre isso: “Ser missionária para mim é participar neste trabalho de evangelização, que o Cristo nos mostrou e nos enviou. Mesmo se às vezes não seja possível se comunicar com palavras é incrível como criamos laços e pelo jeito de acolher o outro, o ajudamos a acreditar na existência de um Deus Criador. Assim sinto-me ativamente comprometida na causa de Cristo que é viver o Amor de seu Reino”

O principal trabalho da comunidade é a formação de moças que desejam seguir a carreira religiosa. Mas ainda dá tempo para outras atividades apostólicas como coral da paróquia, a catequese, a visita à prisão da vila e acompanhamento de crianças de rua, com outras entidades.

Para matar a saudade da pátria, Ir. Suzy revela que é difícil administrá-la, porém são criados novos laços de amigos e famílias bem como a convivência com outras irmãs brasileiras como dominicanas, São Vicente de Paula, irmãos do Sagrado Coração, “pois tudo é oferta de Deus como a viúva do evangelho que deu na oferta tudo o que tinha. Pois é, temos que entregar tudo a Ele” Parabéns Ir. Suzy e demais religiosas da comunidade de Mvolye!



Estrada ao povoado